

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje quinta-feira á 1 hora da tarde; aos Srs. que, o mais tardar, quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

PÁRA-SARAIVA.

(Carta.)

2757 LENDO n'um jornal scientifico o invento d'um apparelho, que impede chuvas de pedra, e obsta por conseguinte aos estragos que ellas causam, julguei que dando-o em resumo faria n'isto algum serviço. É muito simples; merece que se faça a experiencia porque sem ella nada se póde concluir.

Em 1824 um professor de physica M. Tollard propoz que se hasteassem no meio dos campos varas de salgueiro, choupo, castanho ou qualquer madeira armadas de pontas de cobre agudas; estas pontas communicavam-se a uma corda feita de palha de arroz, ou de aveia, e entrançada em todo o seu comprimento com um fio crú. Esta experiencia foi feita em mais de dez conselhos, e em nenhum d'elles caiu a saraiva. Os lavradores do Cantão de Vaud fizeram alguns modificações no pára-saraiva de Tollard: estas modificações consistem em ser a vara queimada na parte que fica enterrada, e a ponta de cobre da outra extremidade estar em contacto com um fio de metal, abraçando-se o fio e a vara de distancia em distancia com uma passadeira. Este fio desce até á extremidade inferior, e termina n'um pedacinho de ferro que toca na terra.

Não duvidamos de que haja quem repute isto impossivel: com isso nada temos, a ignorancia duvida de tudo, e a sciencia póde muito.

Isidoro José Gonçalves.

PÁRA-FOGO THOMPSON.

2758 A RESPEITO de fogo temos publicado um grande numero de artigos uteis: uns relativos a tornar incombustiveis as cazas, moveis, vestidos, papeis, etc., outros a facilitar a fuga aos accommettidos de um incendio. Lembrados estarão nossos leitores do excellente uso allemão, que tanto e tão baldadamente recommendámos no nosso artigo 68 do n.º 4 de 21 de octubro de 1841.

Eis-aqui outro modernissimo, simples e barato, seguro e sem perigo, e sobre tudo, para que bem o recebam, inglez, e não de qualquer parte de Inglaterra, senão logo de Londres.

N'aquella cidade se mostra o modelo do invento de M. Thompson.

A descripção, que nos mandam, é um tanto confusa; mas se não é exactamente nas suas particularidades a que vamos apresentar, não cuidamos que lhe possa levar grande vantagem.

Juncto á janella, ou janellas por onde, chegada a desgraça de um incendio, se poderá querer sair, deve estar um gancho, escápula, argola, ou qualquer

outro peguilho fixo e bem seguro. Dobra-se pelo meio uma corda rija, e melhor se for incombustibilizada, lançando-se para a rua ambos os ramos d'ella, que devem ter mais comprimento que a altura, que vae do peitoril até á calçada, e ficando a extremidade que os reune a ambos em cima. A pessoa adivella na cinta um boldrié de coiro forte com uma argola no meio; passa pela sua argola a corda dobrada, prende-a no peguilho sobredicto, dá para a rua signal para que dois homens, tomando cada um uma das pontas inferiores da corda, se affastem com ellas para a direita e para a esquerda, e atira-se da janella abaixo confiadamente. — A' proporção que os dois da rua se vão aproximando um do outro, vae o corpo descendo, ainda que tenha perdido o tino, até que, ao tocarem-se os dois, elle se acha com os pés em terra firme sem a minima lesão.

D'esta maneira, a um e um, póde sair toda uma familia, sem exceptuar os enfermos, os entrevados, os decrepitos e as creanças de mama.

DA ORAÇÃO DO CHRISTÃO.

(Vem de pag. 315.)

2759 « OS DEISTAS — diz L'Abbé Ph. Gerbet no seu « profundo e eloquente livro *Considérations sur le dogme générateur de la piété catholique* — os deistas, « mostrando muito bem que é impossivel estabelecer « logicamente a efficacia da oração e do sacrificio, « provam aquillo mesmo que a tradição attesta, que « estas creanças não teem por fundamento as concepções humanas. Quanto mais elles fazem ver com clareza, que o principio d'estes dogmas se não póde achar, nem na esphera da experiencia, nem na esphera do raciocinio, tanto mais claro se torna que não poderia haver sido accreditado com fé indeluctivel e tão antiga como o genero-humano, a lhetão não haver sido revelado primitivamente: de sorte que as difficuldades insoluveis contra a theoria, puramente racional d'estes dogmas, teem uma força infinita para provar a base divina d'esta fé. Se o culto, expressão das creanças perpetuas, não passa de phantasmagoria vã, tambem estas creanças não são senão umas chiméras eternas: n'este devaneio permanente, quizera que me dissessem, como é que os que não creem no sacrificio hão-de fazer para demonstrar a um espirito consequente que deve crer em Deus.»

Quando Jesu Christo, no *Sermão da Montanha*, recommendava a oração, dizia aos seus discipulos: —

Pedi, e ser-vos-ha dado: buscae e achareis: batei e abri-se-vos-ha.

Porque, accrescentava elle, todo o que pede, recebe: e o que busca, achá: e ao que bate, ha se de abrir.

¿ Ha porventura entre vós algum homem, ajunctava ainda, que pedindo-lhe o filho pão, lhe dé uma pedra?

¿ Ou pedindo-lhe um peixe, lhe ponha uma serpente?

Não n'o ha: ora se vós com serdes máus, sabeis dar dadas boas a vossos filhos; ¿ quanto mais o vosso pae, que está nos céus, vos não dará dadas boas se lh'as pedirdes?

Todas as coisas pois, que pertenderdes obter dos homens, comeceae por lh'as fazerdes a elles, que isto é o

que ensinam os livros da lei escripta e mais os prophetas. (1)

E na verdade, que é admiravel a profusão de textos, qual a qual mais claro, mais terminante, mais insophismavel, com que o velho testamento, já como historia, já como lei na parte em que ainda o é, nos descobre desde os mais antigos tempos a crença firme dos homens na virtude impetrativa da oração, a utilidade e necessidade d'essa crença, os seus fundamentos, tão inabalaveis como a palavra de Deus, e as demonstrações praticas e milagrosas da efficacia das súplicas arrojadas ao céu, sobre as suas asas de fogo, que são o amor de Deus e o amor do proximo.

Trinta paginas podiamos nós encher facilmente com estes exemplos, sem os esgotarmos: mas, para evitar prolixidade, contentámo-nos de apontar alguns n'uma simples nota (2).

Christãos, nós vamos agora continuar a ouvir o di-

(1) S. Matheus Cap. VII—vers. 7, 8, 9, 10, 11, 12.

(2) Genesi cap. XX—vers. 17.—cap. XXIV—vers. 13.

Exodo—cap. VIII—vers. 9—cap. IX—vers. 28 cap.—XXXIV—vers. 9.

Levitico—cap. IX—vers. 7—cap. XII—vers.—7—cap. XXIV—vers. 43.

Numeros—cap. XXI—vers. 6.

Deuteronomio—cap. IV—vers. 7.—cap. XVIII—vers. 16.

Reis—liv. I—cap. I—vers. 10—liv. II—cap. VII—vers. 27—liv. III—cap. VIII—vers. 28, 31, 32, 45.—liv. III—cap. XIII—vers. 6.—liv. IV—cap. IV—vers. 32—liv. IV—cap. XIX—15

Parallipomenes—liv. II—cap. XVI—vers. 21—liv. II—cap. XXX—vers. 18, 19—liv. II—cap. XXXII—vers. 21—liv. II—cap. XXXIII—vers. 12, 13—liv. II—cap. XXXIV—vers.—21.

Esdras liv. II—cap. I—vers. 6, 7, 8, 9, 10.

Tobias—cap. III—vers. 11—cap. VIII—vers. 6—cap. XII—vers. 12.

Judith.—cap. IV—vers. 8, 12—cap. VIII—vers. 28—cap. X—vers. 10—cap. XII—vers. 8.

Esther—cap. IV—vers. 16.

Job—cap. XLII—vers. 10.

Psalms—IV—vers. 12—V—vers. 3—VI—vers. 2, 6, 10—XVI—vers. 1—XX—vers. 5—XXXVI—vers. 13—LXII—vers. 2—LXIV—vers. 3—LXXIX—vers. 5—LXXXIII—vers. 9—CV—vers. 42—CXIV—vers. 1.—CXLII—vers. 1

Proverbios—cap. XV—vers. 29.

Ecclesiastico—cap. XVIII—vers. 22, 23, 24.—cap. XX XIV—vers. 31—cap. XXXV—vers. 20, 21.—cap. XXXVI—vers. 18.—cap. L—vers. 22, 23.

Isaias—cap. VII—vers. 12—cap. XXXVIII—vers. 5.—cap. XLIV—vers. 17.

Jeremias—cap. VII—vers. 16—cap. XIV—vers. 14.—cap. XXIX—vers. 12—cap. XXXVI—vers. 7—cap. XLII—vers. 2.

Baruch.—cap. IV—vers. 20.

Daniel—cap. IX—vers. 16, 17.

Amos—cap. VII—vers. 2, 5.

Jonas—cap. 2—vers. 2—cap. II—vers. 2, 8—cap. IV—vers. 2.

vino Mestre, que não viu na oração unicamente um preservativo contra os perigos da tentação: mas tambem um modo de obrigarmos a Deus a render-se-nos, o que elle mesmo, aliás com prodigiosas demonstrações, nos confirmou.

Respondendo Jesus aos que o interrogavam, depois do milagre da figueira, expressou-se n'estes termos:—

Em verdade vos digo, que se tiverdes fé e não hesitardes, não só fareis o que eu fiz a esta figueira, mas até se disserdes a este monte: «tira-te, e lança-te ao mar, vel-o-heis realizado.»

«Todas as coisas que nas vossas orações pedirdes com verdadeira fé heis-de as receber.» (3)

N'esta parabola, explicou a seus discipulos o como cumpria orar sempre, sem jamais desfallecer.

«Havia n'uma cidade um juiz, que não temia a Deus, nem respeitava os homens: «

«Certa viuva, que na mesma cidade vivia, foi á sua presença e lhe disse: «Faze-me justiça contra o meu contendor.»

«O que elle por muito tempo não quiz fazer, mas por fim disse entre si: «posto não temo a Deus nem respeito aos homens:»

«Com tudo como esta viuva me importuna, sentenciarei em favor seu para evitar que venha a final a fazer-me alguma affronta.»

«Bem vedes, accrescentou o Senhor, o que disse aquelle juiz iníquo.»

«¿Ora pergunto-vos se então Deus poderá deixar de fazer justiça aos seus eleitos, que lhe gritam de dia e noite? e consentir que elles padeçam?»

«Digo-vos em verdade que não tardará em lhes acudir.» (4)

Mais explicadamente ainda na doutrina, que fez a seus apostolos depois da Cêa ultima.

Em verdade, vos digo que aquelle que em mim cre, fará as obras que eu faço, e sal-as-ha ainda maiores; porque eu para lá me vou, para juncto a meu Pae.

Tudo o que pedirdes a meu eterno Pae em meu nome, tudo vos eu farei: para que o Pae seja glorificado no filho. (5)

Temos ouvido a Christo na lição, vejámo-lo agora na acção.

Chegando a elle um leproso, adorava-o, dizendo: «Senhor, se queres, podes alimpar-me.»

E extendendo Jesus a mão, tocou-o, dizendo: «Quero: sé limpo.» E para logo foi limpo da lepra. (6)

Entrando em Capharnaüm, chegou-se a elle um centurião, implorando-o:

E dizendo: «Senhor, um criado meu jaz em casa paralytico: e lastimosamente atormentado.»

Responde-lhe Jesus: «Pois eu vou e cural-o-hei.»

Ao que o centurião lhe tornou: «Senhor, não sou eu digno de que entres debaixo do meu tecto: mas dize uma só palavra e o meu servo será curado.»

Jesus disse ao centurião: «Vae, e assim como creste,

Macchabeos—liv. I.—cap. III—vers. 44.—liv. II—cap. III—vers. 18.—liv. II—cap. XIII—vers. 12.

(3) S. Matheus Cap. XXI—vers. 21, 22.

(4) S. Lucas Cap. XVIII—vers. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8.

(5) S. Matheus Cap. XIII—vers. 3, 4.

(6) S. João Cap. XIV—vers. 11, 12.

assim será feito.» E o servo ficou sã n'aquella mesma hora. (7)

Um príncipe da sinagoga chega á presença de Christo e põe-se a adorá-lo, dizendo: «Senhor, a minha filha acaba de expirar: mas vem, impõe a tua mão sobre ella e viverá.»

Jesus se levantou, foi-se com seus discipulos apoz elle.

E no caminho uma mulher, que padecia um fluxo de sangue doze annos havia, chegou-se-lhe por detrás e lhe tocou a franja do vestido:

Porque dizia dentro em si: «basta que eu toque o seu vestido para ficar curada.»

Jesus voltando-se e vendo-a lhe disse: «Cobra ânimo, filha, a tua fé te ha livrado.» E n'aquella propria hora ficou a mulher sã.

E chegando Jesus á casa do príncipe da sinagoga, e vendo os flautistas e a confusão de gente que se estava para o funeral, dizia:

«Apartae-vos: esta moça não está morta, senão só adormecida.» E os que o ouviram, mofavam.

Mas despejada a caza entrou; pegou-lhe da mão: e a rapariga levantou-se:

Do que seou grande fama por toda a terra de Israel. (8)

Uma cananea, vinda das partes de Sidon, corre para Christo, exclamando: «Compadecei-vos de mim filho de David e Senhor meu; minha filha está lastimosamente vexada.»

Jesus não lhe respondeu — os discipulos o cercaram dizendo: «Faze-lhe o que te pede para a despedires, quando não, ir-nos-ha seguindo com os seus alaridos.»

Jesus lhes respondeu: «Não fui mandado senão para as ovelhas perdidas da caza d'Israel:»

Ella porém se chegou ainda mais perto e o adorou, dizendo: — «Senhor, vale-me:»

E elle lhe disse: «Não se ha-de tomar o pão, que é para os filhos, e atiral-o aos cães:»

Ella replicou: «Assim é Senhor; mas os cãesinhos também comem as migalhas que lhes caem da meza de seus donos.»

Então Jesus lhe respondeu e disse: «Mulher, fé grande é a tua: faça-se o que desejas.» E para logo a filha d'ella ficou boa. (9)

Saindo Jesus e os seus de Jerichó, seguia-os uma grande multidão:

E dois cegos que estavam sentados á borda do caminho, sentindo aquelle tropel, e intendendo que era Jesus o que passava, deram a clamar rijo, dizendo: «Senhor, filho de David, havei compaixão de nós.»

A turba os repreendia dizendo que se callassem. Mas elles clamavam cada vez mais: «Senhor, filho de David, havei compaixão de nós.»

Jesus parou, chamou-os a si, e lhes disse: «que pretendeis que vos faça.»

«Que os nossos olhos se abram, responderam elles:»

Jesus houve d'elles compaixão e logo ambos ficaram vendo, e se foram na comitiva. (10)

Maria prostrou-se aos pés de Christo, deplorando a

morte de seu irmão, Christo commovido, ordena a Martha que abra o sepulchro. Martha hesita: «o cadaver está corrupto, diz ella, quatro dias ha que foi dado á terra: «Christo lhe diz: «; Não te disse já que se acreditares has-de ver a gloria de Deus!»

Levanta-se a loisa e Lazaro resuscita.

Poderíamos levar adiante estas transcripções, mas fôra superfluo.

Em todos estes exemplos se viu — que as orações, dirigidas a Christo emquanto andou visível sobre a terra, serviram para muito mais coisas do que para evitar o cair em tentação. — Seria porém isso privilegio d'esse tempo, e que se acabasse para depois? Não: e que nol-o prove o mesmo Christo e a sua igreja. — Elle, inventando o padre-nosso; ella, adoptando-o para seu uso.

Tendo Jesus acabado de orar:

Mestre, lhe disseram os discipulos, ¿ como havemos de orar nós? que nol-o ensines.

Quando quizerdes orar — lhes respondeu elle, — dizei: Padre nosso, que estais nos céus; sanctificado seja o vosso nome.

Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu:

O pão nosso de cada dia nos dae hoje.

Perdoae-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores:

Não nos deixeis cair em tentação. Mas livrae-nos do mal. Amen.

N'esta bellissima oração, a primeira, a mais excellente e perfeita de quantas se podem recitar, abraçou seu Divino Auctor, em poucas palavras, toda a immensa esphera das humanas necessidades. Não ha uma só d'estas petições, dirigidas ao Pae Celeste, que mediata ou immediatamente, se não refira ao bem da creatura.

As tres primeiras — que teem por objecto a glorificação do ente supremo, a propagação do seu reino sobre a terra, a absoluta subjeição de todos os homens ás suas sacrosanctas vontades, comprehendem toda a nossa espirital destinação. As tres seguintes, a do pão, a do perdão e a da tentação, exprimem as necessidades terrestres de que o homem não póde sair sem o auxilio superior; ligado ao corpo, que elle deve manter, como depositario fiel, até que Deus lh'o mande restituir á terra d'onde foi tomado, elle pede para hoje o indispensavel para a sua sustentação e nada mais, — o pão. Mas este ente que vive, já viveu e já peccou; já offendeu a seus irmãos e já foi por elles offendido: para que lhe remittam o que elle fez, remitte elle o que lhe fizeram. Emfim a sua peregrinação continúa ainda; e novos perigos, como os do passado, o podem saltar no seu futuro; por isso clama ao valedor supremo, que o não subjeite a provações superiores ás suas forças, nem lhe retire a luz da sua graça, para que veja e evite as emboscadas do inimigo: — não nos deixeis cair em tentação.

Uma derradeira petição finalmente cifra todas as scis, e abraça quantas hypotheses de justos e decentes desejos se possam conceber: — livrae-nos de todo o mal. Tão incommensuravel requerimento só a um pae, que ao mesmo tempo fosse um Deus, se podia dirigir: por isso Jesus nol-o encetou por aquellas palavras — Pae nosso que estais nos céus: — invocação tão alta, e, tão para confundir a humildade da crea-

(7) S. Matheus Cap. VIII — vers. 5, 6, 7, 8, 13.

(8) S. Matheus Cap. IX — vers. 12, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26.

(9) S. Mathens, cap. XV — vers. 28, 29, 30, 31, 32, 33.

(10) S. Matheus, cap. XX — vers. 29, 30, 31, 32.

tura, que a igreja havendo de collocar esta joya maxima das orações no altar, no seu acto mais solemne, no expiatorio sacrificio do Filho de Deus, se viu perplexa sem atinar como a tanto se afoitaria, até que enfim rompeu n'estas vozes, que o sacerdote, seu interprete, levanta do fundo do tabernaculo: — *admoestados pelos preceitos saudaveis do nosso Redemptor e formados no seu divino instituto, ousamos emfim dizer: padre nosso, que estais nos céus etc. etc.*

Se a oração do christão não tivesse outros fins mais do que o evitar cair em tentação, o prototypo das orações do christão, a oração dominical, deveria ter sido reduzida a estes simplicios termos: *padre nosso, que estais nos céus, não nos deixeis cair em tentação: amen.* — Ou ainda mais a estes simpliciossimos; — *padre nosso, que estais nos céus: — visto que orar é synonymo de adorar; e o livrar da tentação é já effeito do mesmo orar.* Christo porém que era, e é tão Deus como aquelle a quem oramos; Christo, que assiste a todos os conselhos do Divino Padre, auctorisou-nos e ensinou-nos a pedirmos tudo, e sobre isso disse ainda expressamente que tudo o que em seu nome pedissemos nos seria outhorgado.

A igreja, aconselhada do Divino Espirito, creou ainda um grande numero de orações, para uso publico e privado de todos os dias e para todas as circumstancias da vida. Todas estas orações estavam, sim, virtualmente contidas na do *Padre-Nosso*; porém ella as estremou para as desinvolver, para as achegar mais perto a cada uma das nossas precisões, para nol-as insinuar melhor na vontade explicando-as.

Viu na oração dominical uma especie de immensa arvore da vida: dedusiu d'ella uma infinita quantidade de ramos, que plantou no seu terreno, e que hoje fazem n'elle uma deliciosa floresta mystica, onde a alma se refrigera, se alimenta e se consola. D'estas novas arvores, tambem da vida, que todas se levantam para o céu e chovem fructos para a terra, e onde os anjos poisam com amor e d'onde colhem flores immortaes para um dia lá na patria nos coroarem; d'estas orações todas do christão, — umas são simplesmente adoração — outros louvores — outras acções de graças — outras petições — outras oblações.

Com todas se evitará e se evita o cair em tentação, como sejam perfeitas e acompanhadas de suas indispensaveis condicções; mas a outros fins muito distinctos se dirigem muitas d'ellas; porque no haver Christo dicto aos apóstolos que se deixavam adormecer, *vigiae e orae para não cairdes em tentação*, é evidente que lhes não disse, que a oração não podia servir para outra coisa visto que já para outras coisas tinha dicto e provado que ella servia — e elle proprio, quando orava, era d'isso um argumento vivo, pois que o homem Deus não podia ser tentado, e todos sabem o que na linguagem do Antigo Testamento significam as tentações do deserto; que não eram tentações no sentido em que se toma a palavra vulgarmente.

Se o *orate ne intretis in tentationem* quizesse dizer que o orar só era para isso; para sermos consequentes ver-nos-hiamos muitas vezes obrigados a sermos absurdos, na interpretação de todos os livros sagrados e profanos.

Não vamos mais longe: abramos a Biblia no principio: —

Deus fez dois grandes luminares. O luminar maior para que presidisse ao dia, e o luminar menor para que presidisse á noite: e poz as estrellas no firmamento, para que luissem á terra, para assim poderem ser divididas a luz e as trevas. Digamos logo; o sol, a lua, e as estrellas não servem, não são, nem podem ser para mais nada: — e dissemos uma falsidade.

Deus expulsa Adão do paraíso, para que lavre a terra, digamos logo que não temos outra coisa que fazer senão lavrar a terra: — e dissemos outra falsidade.

Mas contemplemos estas orações da igreja mais de perto. Escutae as vozes que o sacerdote dirige ao Altissimo, unindo e abençoando os amores dos novos esposos: está implorando para elles tambem a fecundidade e os bens da terra.

Nas orações, que seguem o sacrificio incruento, implora a conservação, fortuna e sanctidade do pontifice, do prelado, de el-rei, dos principes e príncipes régia, do exercito e de todo o povo: unguendo o agonisante invoca ainda a vida; nas guerras supplica-se a victoria e a paz; nas sêccas a chuva; nas tempestades a bonança; na esterilidade a fartura; nas pestes e contagios a saude. Em tudo isto entrará o *ne nos inducas in tentationem*, mas ha tambem o *panem nostrum quotidianum* e o *libera nos a malo*.

Quando a terra muge e se abala, quando os mares se encapellam e se transformam em milhões de sepulturas inconstantes, a celeuma de *Senhor Deus misericordia!* que rebenta da cidade nutante e pendida a todas as partes, e da nau aberta em balanços e a braços com os furacões, não terá algum outro empenho além de evitar o perigo da tentação?

Quando um esposo recém brindado pela natureza com o seu primogénito, e tendo ajoelhado para o beijar anjo sem azas no seu bercinho alvo, levanta ao céu o pensamento, pedindo para aquelle ente que ainda não sabe pedir, para aquelle ente que é elle e mais do que elle, vida e felicidade sobre a terra, quando erguendo-se d'alli em sobresalto a um gemido da companheira dos seus dias a vê coberta do suor da morte, e atira toda a sua alma aos pés da Mãe de Misericordia para que lh'a obtenha e restitua, dizei a este homem, «livraste-te de cair em tentação, mas não fizeste mais nada, a sorte d'essa mulher e d'essa creança estavam escriptas, em vão presumes que as mudaste!» Se o convencestes, nos labios lhe trocastes a oração em blasphemia. — Dizei ao filho que ora aos pés do leito do pae enfermo, que «as suas preces não podem prolongar-lhe um só minuto na existencia,» — elle vos olhará com horror, porque uma voz lhe haverá dicto lá dentro — que *vós mentis*. — Dizei ao irmão que ora sobre o sepulchro de um irmão, — que «as suas supplicas não lhe aproveitam mais, que os susurros dos ciprestes; que se não estende para além dos muros do cemiterio;» a sua cabeça se espedacará caindo sobre a loisa.

Que é da communicação dos fieis, de que se compõe este corpo mystico da igreja, uma vez admittido este systema! ? Como poderá a oração de cada um aproveitar aos outros e a todos! ?

A communicação dos sanctos deve ser riscada dos artigos de fé. É este immenso concerto de preces, que estabelece uma tão maravilhosa harmonia, entre o mundo da terra, o mundo do céu, e o mundo intermedio das expiações, emmudeceu. A igreja trium-

phante não tem que orar: já não pôde cair em tentações, e seu interceder, como o dos anjos, para nada pôde servir ás outras duas. A igreja expectante já saíu das tentações: calada e paciente esperará pela hora do livramento. Nós membros, hoje da igreja militante, oraremos ainda alguns dias, mas dispersos e solitarios porque as egoistas orações de cada um não podem servir senão para elle, e, a elle, só para o defender de ser tentado. ; Ainda bem que nada d'isto é verdadeiro!

Christo, dignando-se fazer-se homem, divinizou a especie humana até sobre a terra: tornou cada homem membro do corpo de que elle era cabeça: affiançou-lhe moradia perpétua, para o futuro, no palacio de seu pae, mas deu-lhe já na vida caduca, pela paz da consciencia e pela certeza das esperanças, os antegostos d'essa felicidade: fêl-o saber a mais importante parte do futuro: tornou-o superior aos males todos da natureza e da fortuna; e não contente com tudo isto, deu-lhe ainda, mediante a oração, o poder de operar milagres em favor seu e de seus semelhantes, consanguíneos ou estranhos, presentes ou ausentes nos últimos confins da terra, vivos ou mortos.

A oração é uma necessidade de toda a natureza espirital finita: é dobradamente necessidade na nossa natureza, além de finita, decaída.

Sendo o Christianismo todo amor, cifrando-se em amor os seus mandamentos, tendo sido a sua fundação um sacrificio de amor immenso, ; quanto não é digna d'elle esta convicção de que o nosso pae celeste nos não ha-de negar o que lhe pedirmos!

Dizei a uma mulherinha, ou a pessoas semelhantes, — « orae para evitardeis a soberba; — não orará; por que não lhe apresentaes senão um principio de um raciocinio longo, que não saberá fazer — mas dizei-lhe orae porque pela oração se impetra de Deus, tudo o que nos pôde ser conveniente, — orae porque, se fazendo-o com as devidas disposições, não obtiverdes, isso mesmo será despacho porque é signal, de que, suppondo pedir um bem, pedieis um mal que não conheciéis: orae porque se o Senhor vos resiste, quer fazer mérito de vossa resignação; » — e ella orará logo.

A misericordia, que desponta no céu milagrosamente, logo que os labios se abriam para orar, enche, allumia e aformosenta aos nossos olhos toda a terra: como o sol, ella nos dirige alegres por caminhos mais seguros; como o sol, ella faz nascer nas margens d'esses mesmos caminhos fructos terrestres de um uso mais immediato. — E' porque o Deus do céu é tambem o Deus da terra; — é porque elle quiz multiplicar, por todos os meios naturaes e sobrenaturaes, os incentivos que movessem a nossa vontade livre a procural-o.

A oração, que sussurra de dia e noite em toda a superficie do globo, é como um florir perfumado e continuo dos espiritos para o céu; e os anjos, que baixam a colher estas flores, voltam logo para suspender nos sitios, d'onde as colheram, os fructos d'ellas.

Por tres modos a oração nos felicita: — 1.º, porque ella não pôde existir sem ter por base a quietação da consciencia. — 2.º, porque nos pôde obter o que desejamos quando o que desejamos nos convém realmente. — 3.º, porque só por ella nos podemos tornar senhores da nossa sorte.

Lamartine, na sua eloquente *Viagem ao Levante*, diz: « ; Oh! que mundo não é este mundo da oração! « ; que vinculo, invisivel sim, mas possantissimo! . . . « . . . Sempre se me figurou que a oração, esse tão « verdadeiro instincto da nossa natureza fraca, era a « unica força real ou quando menos a maior força do « homem. Verdade é que não percebemos o como a ora- « ção opéra os seus effeitos, mas ; que é o que nós outros « percebemos! A necessidade, que involuntariamente « obriga o corpo a respirar, prova tambem á alma a « efficacia da oração. ; Oremos, oremos! ; E vós, que « nos inspirastes esta maravilhosa comunicação com- « vosco mesmo, e com os entes e os mundos invisiveis, « vós, Deus meu, attendei-nos! ; attendei-nos muito! « attendei-nos ainda além dos nossos desejos! »

O homem, que ora, tem mais um sentido do que o que não faz. Duplica as suas relações e a sua existencia. Aproveita o prazer, como bem, as penas como sacrificio: — quando se sente marcado para o holocausto, corôa-se elle mesmo de flores.

Que nos releve quem lêr, o desatado d'estes ultimos pensamentos. Falta-nos o tempo para enramalhetar quantos affectos nos desabroham e florecem naturalmente no espirito sob este immenso horisonte luminoso onde esta só palavra a ORAÇÃO DO CHRISTÃO nos collocou. Colhemol-os como quer que vem, e assim os lançamos sobre o limiar e diante da porta do templo, para que a mistura dos seus differentes aromas possa ir vagamente convidando a maior numero de vontades.

Fallando sobre a oração, como sobre o amor, o entendimento foge das linhas rectas, indispensaveis nas mathematicas mas impossiveis ou perigosissimas na logica logo que se tracta do bello moral e em geral do bello. Um astrónomo celebre, perguntava depois de ouvir uma tragedia de Racine, « que prova isto. »

A razão, com seus rigores de principios e consequencias erra muitas vezes lá onde o coração costuma acertar sem percorrer nada. ; Quem tem batido á porta do inferno com legiões de philosophos? a razão transformada em gigante escalador dos céus? ; e á porta dos céus quem bate de hora a hora para lá metter cardumes de contentes? o affecto, o sentimento humilde. Já na vida é o mesmo: — os maiores discursadores são os que mais a desacertam.

Se argumentos abonam, não ha crime que não tenha argumentos, com que se defenda. *Marat*, o assassino da França, teve a sua apologia; *Carlota Corday*, a assassina de Marat, teve a sua apotheóse. *Kotzebue* raciocinou contra a liberdade; *Sand* raciocinou para apunhalar a *Kotzebue*. O *Francisco dos Saltadores de Schiller* prova que o filho pôde matar o pae; e nem *Francisco*, nem *Sand*, nem *Kotzebue*, nem *Corday*, nem *Marat*, se teriam jámais precipitado se, em logar de se levarem pelas suppostas linhas rectas da logica, tivessem escutado a primeira palavra indemonstrada do seu sentimento intimo.

Ora este sentimento intimo, que é o com que se ama o bem, e se odêa o mal, — que é o instincto do ânimo, — que é a virtude magnetica do coração, que por mais que o revolvam o vira sempre a final para o seu pólo invisivel, — este sentimento, digo, nunca teve nem ha porque tenha presumpção de alinhar phrases, porque o seu officio não é fazer tractados: vae dando desconnexamente o que se lhe offerece.

Ouvindo-o só a elle, pois que já ouvimos a fé, repeti-

mos:— que a oração, por se applicar a objectos d'este mundo material e d'esta fortuita existencia, nem por isso se desautora da sua indole religiosa. Todas as coisas são obras de Deus; — como taes, boas; — como boas, dignas de ser pedidas para racional e honesto uso; sobre tudo se d'esse uso se aventam excellentes resultados espirituaes. O pae, que pede bens da fortuna, pede meios para satisfazer obrigações, para alimentar filhos, para lhes dar o ensino, para os arredar dos precipícios moraes da indigencia: o filho, que pede a cura de seu pae, paga uma divida da carne e outra do espirito, ao mesmo tempo que implora a conservação de um mestre e de um guia: o fiel, que intercede pela vida de outro fiel ou do inimigo da sua crença, deseja-lhe horas, que podem ser gastas em continuar ou em começar a reunir cabedades, com que mérque a salvação. — Todas estas e similhantes petições, quando bem feitas, são necessariamente despachadas.

¿ E como deixaria de assim ser se quando o christão ora, é o pontifice, eterno, e immutavel, Christo, o que nos ensinou a pedir tudo, o que nos disse que tudo obteriamos, Christo, o amigo, o irmão do homem pela carne, o seu mestre, o seu redemptor, o seu banquete perenne, a sua divindade encoberta mas presente sobre toda a face da terra, Christo, o filho da Virgem Amorosa, o de quem procede o Espirito do Amor, o que nasceu menino e foi annuciado pelos anjos como paz aos homens, o que disse, «*deixae vir os pequeninos até a mim*» — o que disse á peccadora, «*muito te será perdoado, porque muito amaste*» o que se conturbou e se encheu de tristeza vendo morto ao seu amigo Lazaro, o que fez tantas curas e resurreições como prodígios, o que na hora do testamento legou á especie humana como preceito o amor mutuo, como emfim deixaria de se cumprir a sua promessa, ácerca da efficacia espiritual e terrestre das orações se é elle mesmo, o que as apresenta ao Eterno Padre, ungidas, perfumadas, divinizadas com o seu sangue! Sim, sim: a oração do philosopho poderá não passar de adoração — e nem tanto necessitaria de ser, — mas a do christão é uma palavra, magica não diremos, porém divina, apta para mover a Deus, alterar o curso dos successos e renovar a face da terra. — ¿ Quem ousará affirmar que o anjo da esterilidade, que já emborcava sobre os campos o vaso das vinganças, não fosse alguma vez afugentado pela procissão aldeana dos bellos dias de maio, atravez das searas e das vinhas?! — A vara secca do prophéta desatou-se em flores e fructos. ¿ Quem sustentará que nunca o anjo da peste, aos clamores penitentes de uma cidade condemnada, embainhou a sua espada?! — Em Ninive se revogou pela penitencia a prophecia de Jonas. ¿ Quem asseverará, com plena confiança, que nunca os dias, contados de um pae de familias, se prolongaram pelos prantos christãos de uma espósa e filhos?! Os dias de Ezechias foram resgatados só pelos prantos d'elle mesmo. ¿ Quem, finalmente, se atreveria a suspeitar, que as benções de uma casa, onde a esmola introduziu vida e alegria, não costumam ser confirmadas pelo Todo Poderoso sobre a cabeça do bemfeitor?! Innumeraveis exemplos na Escripura e ainda na vida contemporanea o confundiriam.

A este respeito, dizia *Massillon*, no seu incomparavel sermão sobre a *Esmola*: —

« Estas calamidades (de ares destemperados, estações invertidas e esperanças de lavradores frustradas), que a nós nos affligem e de que vós vos lastimaes, castigo são da vossa dureza para com os pobres; nos vossos bens vos escarmenta Deus, por d'elles usardes injustamente: o que attrae para sobre os vossos campos a indignação do céu são os clamores e gemidos dos indigentes, que desamparaes. Logo n'estas calamidades geraes não ha remedio senão dar-vos pressa em apasiguar a chólera divina a poder de mãos rotas: então mais que nunca heis-de tomar os pobres por soccorredores de vosso infortunio. O que vos occorre logo, é unicamente invocar com preces publicas os sanctos padroeiros e advogados d'este reino, para obterdes quadras mais propicias, acabamento ao publico flagelo, restituição de serenidade e abundancia: mas não é só para ahí que devem de ir as vossas promessas e orações: Nunca os sanctos se hão-de mostrar compassivos para com as vossas penas, enquanto vós mesmos o não fordes para com as dos vossos irmãos. Os arbitros dos ventos e das estações tendem-vos sobre a terra: dirigi-vos aos pobres, que são elles, porque assim o digamos, os que teem nas mãos as chaves do céu; são as suas orações, as que regulam os tempos do anno: que mandam vir dias serenos ou desastrosos, que affugentam ou grangeam os favores lá de cima; porque só para allivio d'elles é que baixa á terra a fartura; e só á conta d'elles haveis da Providencia castigos ou mercês. »

N'este seculo, em que todas as tendencias são para a materia, seculo em que estão dando seus fructos as sementes de incredulidade, lançadas no precedente, deve ser, nos parece, uma idéa sempre presente ao espirito de quem escreve sobre assumptos religiosos, para resuscitar ou fortalecer a fé publica, mostrar como o Christianismo, irmão da natureza em quanto ambos são filhos de Deus, não contraria a nenhuma das tendencias d'ella, senão desde o ponto em que principiam a tornar-se prejudiciaes; — que até a esse ponto, elle mesmo, as ajuda, as corrobora, e as sanctifica; d'onde se segue, que, tractando da oração, não se deve parar na parte transcendente e, para assim dizer, ideal da mesma oração; mas descer até ao interesse immediato, individual e até, quanto for possivel, ao interesse physico: de todo o Padre-Nosso a petição do pão é a mais intelligivel para as turbas.

Quem nunca orou, não contrairá o habito de orar, começando por esse acto de adoração abstracta: pelo contrario sabemos pela experiencia, que são as nossas necessidades ou desgraças mundanas, as primeiras que nos chamam para o pé da cruz; onde muitas vezes a graça está á nossa espera. Uma enfermidade grave nossa ou de um dos nossos nos dá fé, charidade e esperanza, d'onde immediatamente se accende a oração: e, se essa pessoa morreu, as mesmas disposições se augmentam ainda; a oração toma um character mais sublime e nos mette desenganadamente n'essa via da adoração incondicionada. O homem, que está na terra, só pela terra pôde caminhar para o céu.

Quando toda a historia do Antigo Testamento, os Evangelhos, os Actos dos Apostolos, as Epistolas, os escriptos dos sanctos padres, as résas da Egreja, nos estão dizendo, embora em sentido figurado, que a

creatura, por ser livre, póde mudar a vontade do Creador a seu respeito, e que viria aqui fazer uma árida metaphysica, desmentindo, por uma algebra espirital, escusada, esteril, impossivel, tão respeitavel concôrto de vozes, prolongado por milhares de annos por toda a superficie da terra?! — crença, de que se derivam vantagens moraes, incontestaveis, porque por ella se facilita e multiplica o orar: — e o homem, que ora, consola-se de muitas penas; adormenta em si muitos odios, affaz-se pelo pensamento aos sentimentos da charidade, e experimenta deleites, que nem a pobreza, nem os trabalhos, nem o carcere, nem o destêrro, nem as doenças, nem o desprêso, nem a orphandade lhe poderiam arrebatâr. Do banquete, da conversação, do spectaculo, do passeio, saimos sempre mais descontentes do que para lá entrámos; mas; vede o rosto do que se levanta de conversar com Deus!

Havemos discutido a ORAÇÃO DO CHRISTÃO, repassados da verdade que expunhamos; esforçados pela conta em que tínhamos a sua importancia; e ao mesmo tempo, segundo nós parece, reverentes, como toda a Europa, ao bello nome, ao bellissimo character religioso e philosophico do AUCTOR, cujo escripto haviamos por dever analysar. *Amicus Aristoteles, amicus Plato, sed magis amica veritas.*

Da lealdade, com que na disputa nos houve, são documentos bastantes o artigo mesmo de S. Ex.^a por nós estampado, a pag. 289, sem augmento nem diminuição de uma virgula; o escrupuloso resumo, que d'elle fizemos a pag. 302; e a pontualidade, com que fomos reproduzindo cada trêcho do original sobre que havia de recair a nossa refutação.

Relendo ainda agora, e por muitas vezes, e attentissimamente aquelle artigo, confirmamos novamente que — a sua doutrina nos parece erronea e perigosissima.

E accrescentámos *perigosissima*, porque erros ha que, apesar de sua gravidade, nenhum mal podem produzir, se a obscuridade, insipiencia ou descredito, de quem os profere, logo á nascença os desautorisa, o que no presente caso inteiramente corria pelo contrario; porque o nome do Sr. SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA e o titulo do jornal o *Christianismo*, eram para o vulgo indocto e desestudioso duas inevitaveis seducções.

Quanto porém á qualificação de *erronea*, a mesma lealdade, com que em tudo nos havemos, nos persuade a fazermos uma declaração: — chamando *erroneo* ao sentido do artigo, longissimo estamos de suppôr em S. Ex.^a as opiniões, que o seu escripto apresenta ao nosso juizo e ao de muitas outras pessoas: — folgamos antes, de acreditar que S. Ex.^a perfeito christão e perfeito catholico, teve com tudo o infortunio de não exprimir aqui as suas idéas, com assás de desenvolvimento ou clareza, para serem de todos percebidas. E, sendo assim, confiadamente esperamos que S. Ex.^a não tardará, obrigado pela sua consciencia delicada, — não a retractar-se, mas a explicar-se — adherindo plenamente ás verdades recebidas na egreja.

O que pedimos a S. Ex.^a é que — attenta a muita importancia do assumpto, e o pequeno alcance intellectual de muitos dos leitores de periodicos, — se digno descer n'esta disputa dos cumes da sua philoso-

phia, d'onde o vulgo mal poderia ouvir-o e enxergal-o: — que faça, digamol-o assim, a encarnação do seu espirito, e instrua o povo, que d'isso carece. Nós não lhe ensinamos coisa alguma, pedimos, pelo contrario que nos ensine, elle, contentes de sermos, d'entre os seus ouviutes, os primeiros e os mais attentos.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

INSTITUIÇÃO DA ORDEM DE CHRISTO.

14 DE MARÇO DE 1319.

2760 A INSTITUIÇÃO da Ordem dos Cavalleiros de Christo, foi um dos passos grandemente politicos por onde D. Diniz bem mostrou ser um habilissimo rei, e um principe digno do alto conceito com que a historia nol-o apregoa.

Se porventura não são bem averiguadas as verdadeiras causas da extincção dos Templarios, não padece duvida que depois de haverem os papas Clemente V e João XXII feito a seu talante a partilha dos bens d'esta riquissima ordem, quando quizeram dispor dos que ella tinha em Portugal, o nosso grande rei D. Diniz recusou sempre dar cumprimento aos mandatos e exigencias de Roma, tanto contra os cavalleiros do Templo, como a respeito da applicação das suas rendas.

E' certo que para evitar algum conflicto entre a Curia e a corôa portugueza, instituiu el-rei a Ordem de Christo, dotando-a com os bens d'aquell'outra, que o pontifice abollira; no que muito mais habil, politico e independente se houve o nosso monarcha, do que, em similhante conjunctura, os outros soberanos da Europa.

Dividia-se esta religiosa milicia em regulares de cogula, clerigos freires, e cavalleiros seculares; e em riqueza e estimação excedia a todas as ordens militares d'este reino: o famoso convento de Thomar é um grande documento do seu passado esplendor em Portugal.

Hoje em dia não tem riquezas nem estimação, — o que tem é muitos cavalleiros novos...

A. da Silva Tullio.

O GOVERNO NAS MÃOS DO VILLÃO.

MEMORIA DO SEculo PASSADO.

IV.

Posto que al te assi parece

D'este sonho e mostra vã,

Por de fóra resplandece,

Dentro não ha coisa saã.

F. de Sua Miranda. Cantiga
ao modo Italiano.

O SALMÃO DO INFANTADO.

2761 RESVALAE, resvalae, enrugadas aguas do Minho; resvalae, que ninguem aventará esses mysterios, que occultaes em vosso seio bolicoso.

Resvalae, que podeis ufanar-vos com vossas margens tão bordadas de rochêdos escarpados, entremeadas de planicies de esmeralda e acairelladas de ondeantes choupos e salgueiros.

Resvalae, resonando socegadas, que ahí estão de

atalaia pelas orlas dos dois reinos bastidas praças; e acastelladas villas: abi estão Valença, a portugueza, e Tuy, a antiga, a celebrada na Galliza, que parecem guardar as arêas de prata que vós envolvem, collocadas em frente uma da outra, apercebidas e enroscadas, como dois leões de pedra a velarem o seu thesoiro.

Que lindas são essas ribeiras do Minho, tão magnificas, como as do Têjo, tão amênas, como as do Mondego, e tão romanticas, como as do Lima! Que linda é Soixas, que lhe alveja pela esquerda; que se debruça desleixada pela encosta, como espumante catadupa, ouriçada de casinhas tão caiadas!

Nas abas d'esta pequenina povoação, havia, se o manuscrito de certo padre curioso não mente, um pequeno, mas mui alegre casebre, — porque era todo o dia mui soalheiro, — em que morava Pedro Affonses, moço de vinte e dois annos, alto, bem fornido de membros; alvo e córado; cabello e barba negra, crespa, e tão lusente, como fios de azeviche; e de uns animos . . . de uns animos de cavalleiro da idade media, leal, honrado e brioso, e conhecido por todos aquelles contornos pelo distincto nome de *tobarão das mugens*, que era, na verdade, uma vasoira nos póços e reconcavos do rio; onde abicava a prôa aguçada do seu barquinho velleiro . . . ai, dos tristes peixinhos, coitados, que lá lhe iam logo cair na rede ou nassa.

O nome de *tobarão das mugens* era bem merecido, era; e todos por tal o conheciam e lh'o chamavam; até seu pae, que era um pobre e derreado velho, de cabello e barbas, como uma estriga de linho, que lhe queria como á luz de seus olhos, e que vivia com elle em sancta paz e harmonia, e com uma filhinha de dez annos, em que sua companheira, que havia nove se finára, lhe deixára uma recordação viva para saudades e suspiros, e lhe legára o transumpto de sua lindesa e carinhosa virtude.

Era um anjinho do céu a boa da pequena; folgasona e despejada no amanho da casa, de que tão creança ainda se encarregára e mui devota de se encomendar á senhora da *Consolação*, sua advogada e madrinha de baptismo, ainda que o reverendo reitor, para satisfazer as phantasias da Sr.^a Brites do Menino Deus, sua ama e dispenseira, ateimára em lhe pôr o nome de Marinha.

O velho revia-se n'ella. . . pois o filho? . . . oh! esse então não fallemos.

Era alta noite; Silvestre Affonses que assim se dizia o pae do *tobarão das mugens*, dormia tranquilamente sobre um montão de palhas miudas de centeio, e coberto com uma desbotada *manta da Catalunha*; dormia, e de espaço a espaço um sorriso ligeiro lhe esvoaçava pelos beiços amarellos e resequidos pelos annos: sorria-se, porque um sonho innocente e ditoso lhe poisava no pensamento.

— Ma. . . ri. . . fi. . . lha. . . — e estendeu carinhosamente a mão grosseira e engelhada, como procurando alguma coisa para affagal-a.

Marinha, que para alli estava a um cantinho, aninhada sobre umas poucas de redes esfarrapadas, com suas boyas de cortiça brincava para se interter e espalhar o medo de estar accordada, sósinha e áquellas horas. . . medo, que lhe representava na sua imaginação escaldada e poetica mil papões e lobis-homens

a debuxarem-se pelas defumadas paredes, ao clarão trémulo da luz da candêa, que vacillava ondeante, como querendo extinguir-se dentro em breve; Marinha, que estava toda transidinha de susto, e pedindo á Senhora da *Consolação*, que lhe valesse em semelhante apêrto, correu como uma corça, para juncto de seu pae, logo que lhe ouviu pronunciar, sorrindo, o seu nome; pegou-lhe na mão e apertou-lh'a brandamente. Depois, não sei se por lhe parecer que sentiu coisa, que lhe redobrasse o medo, ou se enlevada na contemplação de seu pae. . . — porque o aspecto de um pae que se ama, — e quem haverá que não ame o seu! — derrama no coração tantas delicias! . . . ; e infunde n'alma tanto respeito arrobado de deleite e de doçura! . . . — não pôde ter-se, e deu-lhe um beijo.

O velho estremeceu; descerrou pouco a pouco os amortecidos olhos, que n'aquelle instante reviviam animados como as lampadas parabolicas do Evangelho, quando as cinco virgens prudentes lhes renovavam o oleo quasi esgotado, e ergueu-se sobre a sua miseravel cama, estreitando amorosamente a filha contra o peito.

— Marinha, disse elle, tens medo, Marinha? —

— Tinha. — Lhe respondeu a pequena n'um tom baixinho, e escondendo, como envergonhada, o afogueado rosto entre as barbas macias e veneraveis de seu pae.

Silvestre ergueu-se e beijou-a: — Tinhas medo, tontinha? . . não vês que já lá vae a hora maldicta da dança das bruxas, e da ruim procissão dos defunctos? . . que isto. . . ha-de ser mais de meia noite! —

— Isso ha-de. — Acudiu Marinha procurando arregar no coração tão animadora esperança, e ainda tremula e espavorida com as lembranças que seu pae lhe suscitára.

— É, é; que eu já dormi dois somnos regalados. E tu, e tu, minha rica trutinha real das *cambóas* da Guarda? . . —

— Eu. . . tambem dormi, pae. —

— Ai, que me mentes, Marinhitas do peccado. — E tornou a devoral-a com affagos. — Oh! que não tardará por ahi teu irmão. Toparia elle fortuna, o filho d'este meu peito, a alegria da minha vida, o meu *tobarão das mugens*? — e quatro lagrimas de affeição e de orgulho se lhe deslaçaram dos olhos arrasados, e rodaram rutilantes por aquelle rosto enrugado e áspero, como gottas de orvalho d'arraiada derramadas por penhasco carcomido. — Oh! Deus lhe dê boa fortuna. —

— Amen. Deus lh'a depare! — volveu a pequena.

— Faz vento? —

Ambos se pozeram a escutar em silencio.

— Não, não; — proseguiu o velho — a noite parece que está de rosas; e. . . mas espera. . . hontem foi. . . ah! ainda bem que é hoje segunda feira, — segunda feira das alminhas do fogo do purgatorio; é dia de boa estrêa! ora, se Pedro me pescasse um salmão. . . —

— Como aquelle. . . —

— Sim, sim; como aquelle que se foi d'aqui para a casa do infantado. . . — lembraste filha, como era gordo? . . e com umas escamas tão bonitas. . . a lusirem como um vidro. . . e de côres. . . a lusirem tanto e tanto, que cegavam a gente! . . . —

—; E o limão, que levava na bocca, lembra-se, pae?—

—; Pois não me hei-de lembrar, louquinha! e por signal, foi o mais temporão, que appareceu est'outro anno, que lá vae; e pescou-o o meu tobarão...—

— É verdade: foi Pedro. —

—; E este anno estão bem serôdios: inda se não apanhou nem meio!... e ainda está por pagar o do *Infantado*: por pagar o fóro do costume! Parece que estamos no fim do mundo, filha, ou que nos deram algum negro olhado esses gallegos peçonhentos! — figas, figas vos dou eu, malditos bruxos e aos vossos quebrantos e praguejos!... — oh! que se o meu Pedro... também, a não ser elle... —

—; Abra lá, pae, abre lá depressa, Marinha, que venho carregado! — bradou uma vóz comprimida da parte de fóra, que foi acompanhada por tres ou quatro rijas contoadas, que fizeram estremecer as paredes e o tecto da casa.

—; É elle! — disseram simultaneamente o pae e a filha, que immediatamente correu a abrir-lhe a porta.

—; Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! — disse Pedro entrando carregado, quasi a ponto de vergar, e depositando com cuidado o pesado fardo, que trazia.

—; Para sempre, e sua Mãe Maria Sanctissima! — lhe respondeu Silvestre Affonses, em cujo olhar resplandecia a esperança e a curiosidade.

—; E então, filho, pescastes o salmão do *Infantado*? —

— Bom salmão. Deus me perdôe. — Marinha, vae-me n'um pulo á botica. —

—; Á botica!... cruces! — exclamou ella assombrada.

— Anda, vae... não me respondas, que te asango! vae, bate á porta, e chama cá depressa o *patrante*: anda, vae n'um pé e vem no outro; córta....

A pequena enfiou, como varada. Tinha medo; mas o respeito que consagrava a seu irmão vencia tudo. Tinha frio, que estava tiritando, mas a *japona* de burél, que Pedro lhe arremeçou para que se cobrisse, a resguardaria do fresco da madrugada, — que já lá vinha a estrella d'alva a relusir, como um diamante, no horisonte sem nuvens. Era preciso obedecer; cobriu-se, conchegou-se; e foi.

O velho acercou-se, meio pasmado, da rede, que embrulhava o suspirado *salmão do Infantado* (*), mas qual

(*) N'esta breve memoria, — que faz a primeira parte de uma *chronica*, que, se Deus me dér vida e descanso, conto escrever de todas as tradições da minha provincia, uma das mais abundantes de superstições e abusos, e a mais rica, por certo, de poesia, que tem Portugal, — puz todos os meus esforços para conservar em toda a sua pureza e verdade o *historico*, em que a minha composição se enlaçava. Empenhei-me proficuamente em averiguar qual fosse a origem do *foro*, ou costumeira, que havia na ribeira do Minho de mandar para a casa do *infantado* o salmão, com que os pescadores annualmente se estreavam. Ao cabo de revolver e folhear bastantes manuscritos, em que — infelizmente — não topei esclarecimento algum, que me servisse, pude, emfim, alcançar por via de um meu amigo — moço de muito ingenho, e muito estudo, — a tão cobiçada copia de uma *carta*, datada de 24 de abril de 1666 e dirigida pelo senhor infante á camara de Caminha, em cujo archivo se conserva, registrada no *livro dos registros*, *lettra D. e L. 110, v.º* — para que a *dietta camara* lhe mandasse um salmão pescado na seu districto.

foi o seu assombro, quando pelo meio dos limos e *rabacas*, empastadas de um sangue negro e coalhado, pôde alfim descobrir á lua incerta da candêa.... ; Emvez de um peixe fresco e bem posto, com o corpo desfallecido e apunhalado de um homem!

;; Era D. Fernando Peixoto!!

A. Pereira da Cunha.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

APOSTA MORTAL.

2762 BENTO, era um gallego de esquina, da rua do Ciro na volta para a dos Capellistas; homem capaz, e muito afreguezado. Por isso, e já por umas tres vezes tinha ido á terra alijar os pezos duros.

Os outros gallegos da sua róda tinham-lhes inveja, e punham-lhe pechas a valer; e a fallar verdade, de tempos a esta parte, estava bebendo mais do que era de rasão.

Domingo ultimo, ao som da gaita de folles, n'uma bodêga do Pelourinho já tinha enxugado os seus tantos quartilhos, quando os outros folgando de lhe ver crescer a alegria — «O' Bento, lhe disseram, és capaz de beber mais uma canada?» — «Uma e meia até, accodiu elle com a linguagem gallega, atirando já para ingleza.

« Não és! » Sou! — « Não és! » Sou! paguem-n'o e venha elle! »

Vem com effeito o primeiro copo de meia canada; vira-o; vem segundo, empina-o; vem terceiro, emborca-o; e emborca-se elle mesmo por entre as risadas da circumstante gallegagem.

Quantas horas dormiria? — ; Dorme ainda! Só hade accordar no dia de juizo.

O CORAÇÃO PRESÁGO TAMBEM MENTE.

2763 LEMBRADOS faremos os nossos leitores do artigo 1244 do antecedente volume d'este jornal, em que fallámos de um singular velho, morador na freguezia de Carnaxide, por nome Antonio Domingos, a quem não havia tirar-se-lhe o presentimento de que no mez d'agosto, e não em algum outro do anno, soaria a sua hora derradeira, porque n'elle contava todos os seus anniversarios bons e maus.

Aquelle natural temor que os velhos teem de janeiro, tinha-o elle d'agosto, e tanto que logo no primeiro dia se sacramentava, passando todo o mez como um padecente no oratorio.

Mas porque, n'este mundo, a coisa mais certa no ser, e mais incerta no apparecer é a morte, e o melhor é estar sempre apercebido para recebê-la; o nosso velho, a quem noventa e nove janeiros não tinham podido metter medo, nem fazel-o precaver-se dos seus rigores, foi uma das muitas victimas do d'este anno: finou-se nos primeiros dias do mez em que estamos.

Eis aqui um alentado argumento contra os agoireiros, e uma proficua lieção para catholicos.

UMA USURPADORA DESENTHRONISADA.

2764 N'UMAS das bellas tardes da semana passada estava no largo do Corpo Sancto uma grande roda

de povo a rir, e todos os gaiatos do bairro a darem apupos e assovios; e já bastante gente alvoroçada pelas janellas.

O caso realmente não era para menos.

O bolieiro de uma das seges, que n'aquelle largo estão para alugar ás horas, tinha já montado para partir com um freguez, quando os companheiros lhe começaram a bradar: *! lá vae uma!* Olha o homem para traz, percebe com effeito um vulto; apêa-se, e vê na taboa, com toda a sem cerimonia, uma dama em corpo, com muitos atavios e franjas de diversas côres, arremedando o traço oriental, emfim, a *rainha da Grecia*, mui risonha e contente de se vêr em taes alturas.

O lacaio, vendo que ella lhe não tinha mêdo, e piado das gargalhadas dos companheiros, havia ousado levantar o chicote para a *dama de libré*, porque tinha aluguer e não estava para graças.

A este tempo já se havia ajunctado muito povo; e de certo que quem quer que era que ia dentro na sege, devia de estar bem vexado de ter semelhante criado na trazeira.

A *rainha da Grecia* porém zombava das ameaças do bolieiro, dizendo-lhe mui soberanamente: *anda lá para diante*. Então elle já fôra de si, á vista d'aquella teima e desvergonha, e ainda mais, da chacôta que lhe faziam os outros bolieiros e o rapazão, já se desenganava a usar do seu chicote, quando a senhora se resolveu emfim a saltar para baixo, largando logo a fugir por entre as risadas dos espectadores.

Agora para os que ainda o não souberem, diremos, que esta chamada *rainha da Grecia*, é uma pobre doida que ahí anda por essas ruas de Lisboa, trajada como já indicámos, contando a quem n'a quer ouvir as suas batalhas contra os turcos e inglezes, que lhe tiraram o seu throno da Grecia, como ella diz mui sentidamente.

● TERCEIRENSE.

2765 Com este titulo vae tambem ter emfim a ilha Terceira o seu jornal, cujo primeiro numero acabamos de receber. O empenho dos redactores merece animado. Graves e sisudos, parecem não pôr mira senão nos interesses materiaes e moraes.

Com boas fadas encetem a carreira estes nossos companheiros.

COLLECÇÃO DOS ESCRIPTOS ADMINISTRATIVOS E LITTERARIOS DO ILLM. E EXM. SR. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO, GOVERNADOR CIVIL DO DISTRICTO D'ANGRA DO HEROISMO ETC.

2766 Com esta rubrica publicou o Sr. Felix José da Costa, official da secretaria do governo civil d'Angra do Heroismo, capital da ilha de S. Miguel, no fim do anno passado, uma brochura de 132 paginas, contendo os principaes actos officiaes do, por tantos titulos, benemerito governador civil, o Sr. conselheiro J. S. Ribeiro, desde que S. Ex. tomou a administração d'aquelle districto em 1839; e bem assim alguns artigos politicos e litterarios de merecimento, e ainda de melhor assumpto.

Os officios, que ao tomar posse d'aquelle importante cargo, dirigiu o Sr. Silvestre Ribeiro ás auctoridades administrativas suas subalternas, aos parochos, ás

junctas de parochia, aos professores publicos, aos jornalistas etc., com que se dá principio a esta *Collecção*, depois de um prologo mui judicioso, são realmente peças que bem podem servir de exemplares para os que forem chamados a exercer tão grave ministerio, e puzerem, segundo lhes cumpre, no seu desempenho tanto zelo, tanto estudo e consciencia como este meritissimo governador civil.

Os mais documentos, que se seguem, são tendentes a promover a civilisação dos habitantes d'aquella boa ilha, tão assignalada nos fastos da liberdade portugueza, a melhorar a viação publica, a fomentar a agricultura, a recommendar a arborisação, a restaurar os edificios arruinados, emfim, todos se encaminham com muita judiciosidade ao promovimento das vantagens intellectuaes e materiaes dos povos, que estão sob a sua governação, insinuando-lhes sempre a prohibidade moral, politica e religiosa como condicção impreterivel.

Quasi todos estes actos, posto que officiaes, teem o raro merito de não serem pautados por esses chavões imperativos e estereis, mulêtas carunchosas da ignorancia, da indolencia, e da orgulhosa vaidade do poder; são todos, ora suasorios, ora consultivos, ora demonstrativos, segundo melher convem á natureza do negocio. O Sr. Silvestre Ribeiro parece mais conselheiro zeloso e amigo, que auctoridade superior. É uma virtude politica esta que nós quizeramos vêr em todos os que teem mando, porque tal deve ser o verdadeiro character de toda a *auctoridade constitucional*. — O governador civil d'Angra é um bello exemplar para honrosa imitação: ahí está patente a sua correspondencia official que nol-o demonstra.

Os escriptos puramente litterarios, abonam muito a erudição do Sr. Silvestre Ribeiro, e provam que o tracto das lettras não é de todo incompativel com o bom desempenho dos altos cargos da republica, como allegam, a despeito de tantos exemplos antigos e modernos, os menos dedicados á sua cultura.

Por fim e rematte, traz a mencionada *Collecção*, um mappa de todas as obras publicas feitas no tempo da administração do Sr. Silvestre Ribeiro, montando a mais de trinta e cinco contos de réis, com todas as informações bastantes para se conhecer da urgencia d'umas e da utilidade de outras.

Ao Sr. Costa nos cumpre agora agradecer e louvar a idéa de fazer esta publicação, tão lisongeira e honrosa para os habitantes da ilha de S. Miguel, para a magistratura administrativa, cujo ornamento é o Sr. Silvestre Ribeiro, e de muita satisfação para todos os que folgámos de ver o poder nas mãos de quem o merece, e se faz bemquisto e respeitado.

Silva Tullio.

HOMEM PERDIDO.

ALVIÇARAS.

2767 DESDE o dia segunda-feira, 19 do mez passado, (em que pelas dez horas da noite fôra visto na calçada da Estrella pela ultima vez) desapareceu o capitão João P. Swafu da escuna ingleza *Aurora*; e como apezar de todas as diligencias, e annuncios feitos pela imprensa, não tenha sido possivel descobrir coisa alguma a respeito do referido capitão, receando-se que tenha sido victima de algum sinistro acontecimento, offerece-se, pelo presente annuncio,

cincoenta moedas á pessoa ou pessoas que descobrirem qual foi a sorte que teve o dicto capitão; devendo esta somma ser paga pelo consignatario Henrique James, rua do Alecrim n.º 8, logo que a elle se dirija o informante ou informantes, e promettendo sobre isto todo o segredo.

Signaes do individuo. — Altura regular, nariz e bocca tambem regulares, cabello loiro, olhos azues, os dois dentes da frente da machila superior partidos, algum tanto calvo; jaqueta azul, calça preta, colete escuro, lenço de seda preto no pescoço, e camiza branca; trazia por cima do fato um *muckintosh* cõr de greda. Tinha em seu poder um relógio de prata com cadeia do mesmo metal; o auctor do relógio era *Couch de Briham*.

TOCAR A FOGO APAGADO.

2768. Por mais de uma vez temos ponderado, com boas rasões, a urgencia de haver um signal de que o incendio acabou ou não necessita de mais soccorros.

Ignorâmos porque o alvitre se não adopta! A quem nol-o pudesse explicar dariamos boas alviças.

No dia 8, pelas oito horas da noite, pegou fogo n'uma loja da rua da Quintinha. Accudiram as bombas do bairro, e bastaram ellas para o apagar. Obra de um quarto de hora depois, começaram quasi todos os sinos do costume a tocar a fogo acceleradamente; de maneira que as bombas que se retiravam, é que iam dando ás que pelo caminho topavam, a bom correr, a novidade de que o fogo estava já extincto.

Outras irregularidades, nos dizem, que ha na direcção dos incendios que importa remediar segundo cumprir e fôr possível.

SEVICIAS.

(Carta.)

2769. Ha casos em que o homem mais probo e de uma tolerancia extrema, não pôde deixar de constituir-se delator d'elles, pela indignação com que contempla como o coração de um pae ou de uma mãe tem força e ânimo para tyrannisar o fructo de seus amores, dando-lhes tractos crueis!! Um artigo que vi no jornal — A Revolução de Setembro — de 8 do corrente mez, sob a epigraphe — modelo de mães — (e que tambem vejo no seu periodico n.º 24, artigo 2559) veio despertar o desejo que sempre tive de publicar alguns factos occorridos n'esta villa, tão immoraes e d'uma perversidade a tal prova, que tem bastante connexão com a scena descoberta nas visinhanças de S. José, d'essa cidade. A este irresistivel desejo oppunha-se todavia não só o pudor, mas (o que mais era) o receio de por esta causa tornar a sorte dos infelizes mais penosa pelo ânimo irritado de seu deshumano chefe.

Denunciarei os factos que são notorios, e responsabilizando-me pela exacta veracidade; não receio que publique meu nome, julgando-o necessario. Reside ha bastantes annos n'esta terra um homem. ; que digo?! um assassino de seus tenros filhos, que tem exercido quasi sempre o officio de escrivão de varias repartições, em cujo desempenho tem prós e contras. Por occasião dos acontecimentos politicos de 1828, foi pronunciado e prezo, percorrendo as prisões de diversas localidades, até que a restauração da Carta Constitucional em 1834 lhe trouxe a liber-

dade. Era pobre, e os meios de subsistencia fallaram-lhe, como a muitos outros: tinha porém mulher, e uma mulher virtuosa, que incessantemente procurava o pão para seu sustento, ora pelo trabalho de suas mãos, ora implorando-o das almas beneficadas. Regressando aos patrios lares, onde sua familia o recebeu com acrisolada demonstração de affectuosa saudade, começou pouco tempo depois a maltractal-a, por effeito de estranhos amores, que, physica e moralmente fallando, são pouco de invejar! As consequencias, que raras vezes deixam de acompanhar estes escandalos, desinvolveram-se energicamente.

Eram mulher, um tenro filho e quatro filhas. O filho chegou a ser barbaramente espancado, preso com uma corrente de ferro (que seu proprio pae foi pedir ao carcereiro da prisão publica), e abi mesmo continuava a ser victima do seu furor! ; e porque? ; que crimes commetteria um innocente filho de sete a oito annos! Hoje passeia livre, graças ao amor paternal, que uma noite o expulsou ás arrochadas, e por abi vive miseravelmente — ; quasi nu, morrendo de frio e fome! O mesmo aconteceu a uma filha, se não mais, por consagrar os seus affectos (licitos supponho eu) a um rapaz, sendo encerrada em uma escura caza, com calceta aos pés: valia-lhe a desconsolada mãe, que ás occultas suavizava o seu martyrio, e mitigava suas dôres provenientes das pancadas. . . . Louvores sejam tributados ao integro administrador do concelho, que a rogos de sua senhora, lhe proporcionou a fuga na companhia de uma sua irmã, fazendo-as transportar para uma aldeia, para caza de uma bem morigerada familia, onde creio que se conservam. N'esta caza ainda se acha o cadeado que levava aos pés. Das duas filhas restantes, uma casou, e da outra tomou conta sua madrinha. Apenas em caza reside a mãe sofrendo o desprezo de seu indigno marido (que vive com sua amásia), mendigando o pão quotidiano ensopado em lagrimas. — ; Proh pudor!

Mirandella, 20 de Janeiro de 1844.

Um amigo da humanidade.

J. S. R. L.

MOEDA FALSA.

2770. ALGUNS perversos associaram-se na cidade do Porto, e projectaram ha algum tempo fabricar moeda falsa, não só para Portugal, mas tambem para o imperio do Brasil. As consequencias d'este crime abominavel foram funestas para o commercio de ambos os paizes.

Nas feiras que se fazem ao norte do reino circularam cruzados novos e pesos hespanhoes falsificados; e apenas se verificou a existencia de similhante fraude, difficultaram-se as transacções, introduziu-se a desconfiança e a inquietação nos animos; dando-se parte ás auctoridades para providenciarem sobre uma calamidade tão prejudicial para os interesses dos povos.

No Maranhão, na Bahia, e no Rio de Janeiro, appareceram consideraveis porções de notas falsas, sendo encontradas algumas em uma lata que fa dentro de meia pipa de vinho. Na Bahia foi preso um Antonio Pinto Osorio no acto de ir descontar na caixa economica tres bilhetes falsos na importancia de 3:000\$000 réis; e pouco depois, apprehendeu-se uma certa quantidade de notas falsas. No Rio de Janeiro foram ca-

pturados dois individuos, convencidos do mesmo crime; e ainda em o numero de hontem démos conta do processo porque passaram n'aquella cidade, sendo condemnados a dezeseis annos de galés.

As auctoridades brasileiras, desejando empregar os maiores esforços para obstar á introdução das notas falsas, tem sujeitado os navios portuguezes a pesquisas e investigações rigorosas de que se ha seguido consideravel prejuizo para o nosso commercio.

Felizmente ha fundada esperanza de que essa severidade desapareça em presança da efficacia e disvélo com que as auctoridades portuguezas se empregaram em descobrir os auctores de attentado, que reclamam o mais exemplar castigo. Já em fins de janeiro se deu com uma fabrica de dinheiro falso estabelecida na freguezia da Arada, concelho de Ovar, precisamente a mesma que apromptava as notas falsas para o Brasil. O administrador do concelho achou alli os instrumentos proprios para o preparo da fraude, grande porção de moeda decimal, apenas serrilhada, na importancia de alguns contos de réis. Estão implicadas no processo crime algumas pessoas conhecidas. Constando que alguns individuos de Villa Nova de Gaya, que tinham parte na empreza, foram procurados pelo administrador de julgado do Porto, o Sr. Anthero da Silveira Pinto, mas na vespera tinham fugido, lançando pela janella grande porção de notas falsas brasileiras de dois e cinco mil réis.

Não se poupa diligencia alguma para colher ás mãos esses malvados, e tudo indica que em breve se acharão em poder da justiça. A indulgencia que o jury manifestou em occasiões anteriores para com os accusados d'este crime, de certo não se tornará a produzir. É bem notorio actualmente a desastrosa influencia que resulta da falta de castigo exemplar para escarmento dos que julgam de pouca importancia atacar de um golpe todos os interesses da sociedade. O exemplo dado pelo jury do Brasil não será perdido para Portugal; e os especuladoras de moeda falsa hão-de sem duvida mudar de rumo quando virem os seus consocios, tanto n'este reino, como no Brasil, soffrendo o devido castigo pelos seus crimes.

D. do G. de 16 de janeiro.

UM CODICE DO SEculo XIII.

2771 A ACADEMIA real das sciencias de Lisboa, acaba de publicar uma curiosa traducção feita pelo seu digno socio, o Sr. João Baptista da Silva Lopes, a qual tem por titulo: *Relação da derrota naval, factas e successos dos Cruzados que partiram do Esalda para a Terra Sancta no anno de 1189; escripta em latim por um dos mesmos Cruzados.*

Este codice foi achado pelo cavalheiro Gazzera, secretario da academia real de Turim, que o commentou, e publicou em 1840. Estava escripto em doze folhas de pergaminho, máu latim, com muitas abreviaturas, pelo que tudo pareceu ser do seculo treze.

Para mostra traz tambem esta publicação da academia o *fac simile* de algumas linhas da terceira pagina do manuscrito.

As primeiras cinco folhas continham a celebre carta, escripta a todos os bispos e barões da christandade, ácerca da Cruzada do imperador Frederico, a qual anda já impressa na vida que Revedico escreveu d'este infeliz monarcha; nas folhas restantes vinha a re-

lação, que o Sr. Silva Lopes publicou textualmente, traduziu e annotou com mui louvavel trabalho e saber.

A principal razão, porque a laboriosa academia se deu a este trabalho, foi por conter aquelle manuscrito um importante facto da nossa historia, qual o cerco e tomada de Silves, por el-rei D. Sancho I, com o auxilio dos Cruzados que iam na armada, cuja derrota se relata no citado codice.

Postoque o auctor seja anonymo, e pouco acrescentante ao que dizem as nossas chronicas, como se achou na tomada da cidade, bom testemunho é a favor do que temos escripto, e digno de ser consultado e crido. N'um ou dois pontos em que parece querer desabonar os portuguezes, mostra o Sr. Baptista Lopes que o auctor se contradiz depois, e a si proprio se corrige.

Muitas mais observações historicas faz egualmente o Sr. Silva Lopes, nas vinte e cinco notas com que illustrou esta sua traducção, todas mui appropositadas; e a tocante ao estado actual da cidade de Silves, e assás curiosa e miuda, com a sua perspectiva em estampa lithographada.

É com effeito uma obra esta mui prestadia para a nossa historia, e bem para se agradecer ao Sr. Baptista Lopes.

CHOCOLATE.

2772 Um jornal, que tudo noticia, fôra indisculpavel, se deixasse de annunciar um feliz acontecimento gastronomico: tal se póde reputar o recente estabelecimento da fabrica de chocolate hispanhol na rua Augusta n.º 143. Temos ouvido, até a castelhanos, que nem em Madrid se encontra chocolate da perfeição d'este. Sendo verdadeiros todos os louvores, que lhe dão, é de esperar que pouco a pouco esta bebida venha entre nós a tirar a vez ao chá e ao café.

FRACASSOS THEATRAES.

2773 Os dois grandes poetas, Byron e Romani, ambos tinham punido o adulterio da formosa Parisina fazendo-a perder o juizo depois de ter visto o amante suppliciado: veio um terceiro genio a quem tal castigo pareceu ainda inferior á culpa e que determinou augmental-o com estrondosa severidade. — Este genio é um machinista, carpinteiro, ou o que quer que seja do theatro de S. Carlos de Lisboa.

Degolado Hugo, no domingo ultimo, devia o ultrajado marido tomar arrebatadamente, não diremos a sua metade mas o seu quarto, visto que a tal metade era metade de dois e trazel-a á janella a contemplar o defuncto: — era aqui que o providente genio a havia esperado. O peitoril, pegado com cuspo de aranha, cede ao primeiro toque e vem á rua de chapuz com a serenissima Sr.^a Parisina-Albertini, que na sua quéda leva tambem consigo o serenissimo principe Botelli. A platéa levantou-se espavorida, mas os dois tragicos, cujo officio é morrer e resuscitar todos os dias, levantaram-se como se nada fosse e continuaram a cantar as suas desesperações com mais naturalidade d'esta vez do que nunca.

No mesmo tablado — ¿e que é o que em tablados não succede? — se víra, não ha ainda muito, ir um dos espectros dançantes das virgens donorte apanhar uma rosa no fundo do cemiterio; e atraz da rosa vir abaixo toda a roseira ficando no seu lugar, á vista e risadas dos espectadores, um pobre homem de véstéa acachapadinho, que era, segundo parece, o dryado, que sustentava em pé aquelle vegetal de papelão.